

---

---

# REVISTA TAKA'A

---

---

## SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DE COMUNIDADES DO POVO NAKADO'TU- NEGAROTÊ

### *SOCIOLINGUISTIC SITUATION OF COMMUNITIES OF THE NAKADO'TU- NEGAROTÊ PEOPLE*

Adriana Negarotê  
Escola Municipal Indígena Formoso - Comodoro-MT  
<https://orcid.org/0009-0006-3110-1148>  
[adriana.negarote@unemat.br](mailto:adriana.negarote@unemat.br)

#### RESUMO

Neste artigo, pretendo relatar sobre a situação da língua materna em comunidades Nakado'tu-Negarotê, associando os problemas enfrentados para a sua manutenção. As dificuldades enfrentadas são para que a língua permaneça viva e resistente para as futuras gerações do meu povo. Meu objetivo é apresentar a situação de uso da língua em nosso cotidiano e o ensino na escola. A metodologia é qualitativa e a investigação foi realizada, por meio de entrevistas com os falantes tradicionais, Renato Negarotê e Maria Negarotê. A pesquisa foi realizada, neste ano de 2024, no Território Indígena Vale do Guaporé e envolveu as seguintes aldeias: aldeia central Jacaré, aldeia Jacaré linha I, aldeia Tumandu, aldeia Mahalotiru, aldeia do Renato e aldeia Murici/ Rio Piolho. Com base na pesquisa, pude observar que a língua *Nakado'tu* continua viva nas comunidades que foram pesquisadas, porém, a língua Mamaindê também está presente nesse espaço, assim como, a língua portuguesa, o que é muito preocupante.

**Palavras-chave:** Língua *Nakado'tu*. Resistência. Cultura. Ensino.

#### ABSTRACT

In this article, I intend to report on the situation of the mother tongue in Nakado'tu-Negarotê communities, including the problems faced in maintaining it. The difficulties faced are so that the language remains alive and resilient for future generations of my people. My aim is to present the situation in which the language is used in our daily lives and how it is taught at school. The methodology is qualitative and the research was carried out through interviews with the traditional speakers, Renato Negarotê and Maria Negarotê. The research was carried out in 2024 in the Vale do Guaporé Indigenous Territory and involved the following villages: central

Jacaré village, Jacaré linha I village, Tumandu village, Mahalotiru village, Renato's village and Murici/ Rio Piolho village. Based on the research, I was able to observe that the Nakado'tu language is still alive in the communities that were surveyed, however, the Mamaindê language is also present in this space, as well as the Portuguese language, which is very worrying.

**Keywords:** Nakado'tu language. Resistance. Culture. Teaching.

## INTRODUÇÃO

O meu povo *Nakado'tu*-Negarotê está localizado no município de Comodoro-MT, na Terra Indígena Vale do Guaporé, atualmente, com uma população de 208 pessoas. Essa população encontra-se dividida entre si, em 9 aldeias: aldeia Central Negarotê, aldeia Buriti, aldeia Nova Geração, aldeia Central Jacaré, aldeia Jacaré linha I, aldeia Tumandu, aldeia Mahalotiru, aldeia do Renato e aldeia Murici/ Rio Piolho. Somos um povo indígena, falante da língua *Nakado'tu*, da família linguística Nambikwara, considerada isolada, sendo que até o momento, não há estudo que comprove que pertencemos a algum tronco linguístico.

Nosso povo Negarotê autodenomina-se *Nakado'tu* e, desde antigamente, já era conhecido por esse nome pelos outros indígenas vizinhos e entre eles mesmos, porque desde a história ancestral, o povo jogava muito bola de latex, feita com leite do caule do pé de mangava, uma espécie de frutífera do campo. Os *Nakado'tu* coletavam e confeccionavam a bola para realizar o jogo de cabeça bol, um esporte que era praticado por lazer, e envolvia premiação de artefatos, artesanatos, alimentos e, até mesmo, mulheres. Assim, aqueles times que perdiam tinham que entregar algo valioso. Os jogos eram realizados com grupo grande e cada lado com umas 10 pessoas, geralmente, os adversários eram de aldeias vizinhas.

O jogo tinha duração de um até 3 dias. E de tanta jogar com esse tipo de bola, a cabeça ficava inchada com calos na testa. Geneticamente não se sabe explicar como aconteceu, no entanto, as crianças dessa geração nasciam com a cabeça já achatada e inchada. Com isso, entre os indígenas se deu esse nome *Nakado'tu*, e não Negarotê, como estão em nossos documentos. Ficamos conhecidos por Negarotê, após o contato com a sociedade (*kaiauka*) não indígena, que nos nomeou por Negarotê, por não conseguir pronunciar corretamente *Nakado'tu*. Nesse texto, adotarei nossa autodenominação *Nakado'tu*.

Após o contato e a imposição da língua portuguesa, sofremos com o enfraquecimento e quase extermínio da nossa língua materna. Um dos problemas principais é a influência de

professores não indígenas que trabalham na aldeia e são apenas falantes de língua portuguesa. Eles lecionam para crianças que tem o idioma *Nakado'tu* como primeira língua, tentando alfabetizá-las em língua portuguesa. Além disso, os casamentos multiculturais, ou seja, os casamentos com outros povos indígenas dificultam a retomada e o fortalecimento da língua. Isso provoca o distanciamento das pessoas da sua língua materna por diversas razões.

Devido aos casamentos interétnicos, o homem e a mulher, por não serem do mesmo povo, se comunicam em língua portuguesa em seu dia a dia. Consequentemente, os filhos desses casamentos também começam a falar a língua portuguesa como a primeira língua, pela influência dos pais. Somado a isso, o uso de aparelhos de *smartphone*, ligados a internet, contribuem cada vez mais para que as crianças falem apenas o português, em casa e na escola.

Diante disso, desenvolvi esta pesquisa, no sentido de compreender como a língua *Nakado'tu* de movimenta nas atividades na aldeia, no dia a dia, nas atividades culturais e na escola. Como a pontam Ferreira, Zoia e Almeida (2024), consideramos que é importante fortalecer e valorizar os saberes indígenas, que fazem parte do ensino cultural, e mostrar como é importante que as crianças acompanhem os mais velhos, porque eles costumam narrar as histórias, os rituais da menina moça, entre outros acontecimentos tradicionais na comunidade. Tudo isso faz parte de nossa cultura, que está ligada ao respeito a cada momento cerimonial, e às nossas ciências na renovação da saúde, assim, os pais são fundamentais no acompanhamento de seus filhos, no uso da língua para que ela permaneça viva.

Outra questão importante é o ensino da língua materna, que precisa ser trabalhado sempre para fazer com que as crianças gostem de falar e escrever em *Nakado'tu*. Considerando isso, neste artigo, quero apresentar a situação de nossa língua materna e apontar ações que podem ajudar na manutenção, valorização e fortalecimento do nosso idioma.

A pesquisa é de caráter qualitativo e quantitativo, cuja foco está no levantamento da situação de nossa língua *Nakado'tu*. Para isso, utilizei como instrumento de coleta, questionários e entrevistas, envolvendo a comunidade, principalmente, os jovens e adultos. Essa ação pode nos ajudar perceber o quanto é valioso cuidar daquilo que os nossos ancestrais nos deixaram, principalmente, nossa língua materna. Nós queremos e precisamos estudar, valorizar e cuidar de nossa língua materna, considerando que ela é um dos principais elementos de identidade de nosso povo.

Além do mais, é urgente mostrar aos jovens a importância de se manter nossa língua e cultura vivas, por meio da oralidade, uma vez que nossa língua tem uma forte relação com a

natureza., com nossos espíritos ancestrais. Ademais, por meio da pesquisa, podemos levantar dados sociolinguísticos para nos ajudar a pensar em estratégias de revitalização, para que nossa língua não seja silenciada.

Acredito, também, que junto com a comunidade *Nakado´tu*, podemos buscar conhecimentos tradicionais que os anciãos ensinam para conscientizar os jovens da importância de nossa língua materna, como fator identitário, cultural e linguístico, relacionados a nossa cosmologia.

### **Um pouco da nossa história**

De acordo com a narrativa dos nossos anciãos, nós, *Nakado´tu*, nos originamos da onça pintada. No passado, nosso povo vivia dentro de uma caverna e se casava com felinos, e as armas eram suas garras. Dentro dessa caverna, vivia felizes entre eles, com um grande líder que caçava e trazia tudo para a comunidade. Sempre fazia isso, até que um dia, um dos *Nakado´tu* saiu da caverna para ver como era o outro lado, na direção para onde seu líder ia buscar os alimentos. Ao sair, avistou um paraíso, avistou flores desabrochando no campo, e muitas borboletas entre elas.

Ao retornar para a caverna, contou às demais pessoas, que do outro lado tinha um lugar lindo, com animais, plantas e muito mais, mas o líder que era pajé não gostou e chamou sua atenção. “Não quero que saiam, pois aqui vocês têm tudo que precisam. E os que me desobedecerem terão problemas e não precisam voltar mais, terão que enfrentar as consequências.”

O líder tinha uma menina-moça reclusa, para ele, a mais sagrada e valiosa. Um dia, ele a deixou em casa e saiu com sua esposa para caçar, como de costume, mas caçar com sua esposa era a primeira vez. Durante o caminho, ele pediu que sua esposa caçasse primeiro, mas escapou o nhambu, e o pajé zangou com ela. E logo foi a vez dele, que estranhou porque escapou o porco queixada: “Não é possível, nunca tinha me acontecido isso antes!” O pajé já sabia o que estava acontecendo na aldeia, porém, seguiu na caçada e, na terceira tentativa de capturar um veado, o animal escapou. Novamente achou ruim e voltou a falar: “Mas será possível?! O dia inteiro e nada de caça para minha família!!” Não conseguindo matar nenhuma caça, foi para casa com sua esposa.

Enquanto isso, na aldeia, as coisas não estavam boas. Um grupo saiu da caverna e cortou o cabelo da menina-moça que estava reclusa, bem curto, perto da nuca e a colocaram no terreiro. E na chegada do casal na aldeia, o pajé avistou o ocorrido e ficou muito nervoso. “Eu disse que não era para fazer nada durante a minha ausência, pois sofreriam com as consequências!” Ele pegou sua esposa e a sua filha e voltou para dentro da caverna. Fechou a porta, como nunca tivesse existido e, do lado de dentro se ouviam gritos e choros, as panelas de barro quebrando na parede. E do lado de fora, os que desobedeceram ficaram se lamentando pelo que fizeram, mas já era tarde demais. Com isso, tiveram que aprender como sobreviver, pois agora tinha um outro pajé, que sonhava, voltava e aprendia com o que outro pajé líder fazia, como arco, flecha e outros artesanatos. Então, devido ao ocorrido no passado, hoje carregamos sofrimentos, como a desobediência de batermos em nossos filhos e briga com familiares. Quando morre alguém da família, temos que cortar o cabelo em sinal de luto. Também fazemos a festa da menina-moça, quando vem a primeira menstruação, e cortamos o cabelo dela para renovação da pele da criança e prepará-la como mulher para constituir sua família

Aqueles que permaneceram na caverna são onças pintadas. E nós que desobedecemos, que ficamos do outro lado da caverna, somos os *Nakado'tu*. Somos a descendência da onça pintada. Na atualidade, os felinos moram em cavernas. E o lugar de onde surgimos também existe até hoje, em nosso território. Porém, só ao pajé é permitida a visitação. Segundo ele, têm espíritos bons e ruins, por isso, a visitação é restrita.

Nosso povo acredita e valoriza muito a cultura, como a festa da menina-moça, uma cerimônia que marca a passagem da menina para a vida adulta. A cultura é passada de geração em geração, de forma oral, por meio das histórias, dos rituais, das pinturas corporais, das danças, das músicas tradicionais, das comidas típicas e por meio do uso de ervas medicinais. Nós, *Nakado'tu*, temos nossos costumes, nossos saberes tradicionais, nossas crenças, nosso modo de viver e de nos organizarmos socialmente, em harmonia com o meio ambiente.

Antigamente, assim que houve o contato com a sociedade não indígena, houve muita resistência por parte do nosso povo, na luta por nossa sobrevivência. O povo vivia se escondendo, a maior parte do tempo, dentro da mata, mesmo assim, os fazendeiros caçavam os *Nakado'tu* noite e dia, para matá-los. Segundo o relato do senhor Renato Negarotê, o pai dele contava a ele que para sobreviver, eles comiam somente alimentos tirados do mato, para não

morrerem de fome. Foi uma época muito triste, pois o povo quase foi exterminado de suas terras originárias.

E, conforme relatos de outros anciãos, como isso não bastasse, pelo voo de avião, os fazendeiros jogavam roupas contaminadas por sarampo e outras doenças sobre as aldeias, onde havia mais população *Nakado´tu*. Inocentemente, as mulheres pegavam essas roupas, usavam ou simplesmente, ao tocar nas roupas se contaminavam por doenças que levaram à morte muitos *Nakado´tu*. Eles morriam dentro de suas aldeias sem poder fazer nada, porque mesmo que os pajés fossem em busca de salvação, era impossível serem salvos. Havia outras pessoas que enfrentavam a doença, caçando para alimentar sua família e, também, em busca de remédios para se curar da doença, mas era em vão. E como se não bastasse o que estavam fazendo com o povo, através do voo de avião, havia outro grupo terrestre, os fazendeiros que caçavam os *Nakado´tu* que estavam escondidos no mato fechado. Eles eram caçados e mortos como se fossem animais; tudo isso para tomarem posse daquele território, pois facilitaria aos fazendeiros terem o território, sem a existência de indígenas.

Após esses primeiros contatos com os não indígenas, nosso povo teve a população drasticamente reduzida, quer seja pelas epidemias de doenças infectocontagiosas (gripe, sarampo, tuberculose, etc.), quer seja pela brutalidade da ocupação do território tradicional por não indígenas, especialmente, após 1940 com a expansão da exploração da borracha motivada pela Segunda Guerra Mundial. (Soares, 1992).

Nesse violento contato, diversos corpos eram encontrados esparramados pelo mato. E aqueles que não tinham sido contraídos pelas doenças, enterravam os mortos e, embora, tomando todos os cuidados, acabavam infectados pelas doenças. E mesmo usando os remédios nativos, era impossível se salvarem. Os anciãos relatam que as abelhas chupavam o sangue humano e levavam para suas colmeias e, quando os indígenas coletavam o mel para se alimentar, se deparavam com uma situação muito triste. O mel estava cheirando a sangue e, ao fazer chicha para consumir, a bebida ficava na cor vermelha, como sangue. Foi uma época em que o povo passou fome, porque não tinha o mel para misturar na chicha ou para consumir puro, pois era o nosso alimento principal. Então, nessa época deixaram de tirar e de consumir mel por mais de dois anos. Até para plantar o milho era muito difícil, então, para não perderem as sementes, queimavam o terreno, embaixo de uma árvore frutífera bem grande, conhecida por *pareri*. E por ela ter espaçamento grande, colocava-se fogo e ali mesmo eram plantadas as sementes de milho.

Não se sabe ao certo a quantidade de pessoas na época, no entanto, pelos relatos orais do senhor Renato Negarotê, eram muitos, sempre viveram no território da ancestralidade, no rio Vale do Guaporé. Houve uma época em que o povo foi transferido para a terra dos Nambikwara do Cerrado por Marechal Rondon, que não tinha conhecimento de que os povos eram diferentes e suas vivências eram diferentes. Mesmo assim, o povo tentou conviver por lá, porém, quando queriam plantar para se alimentar, as plantas não nasciam direito e morriam. Com isso, o povo resolveu voltar por conta própria ao lugar de origem, onde vive até hoje, nesse território do rio Vale do Guaporé.

Temos uma história muito triste, pois no passado fomos quase dizimados por doenças, principalmente, pelo sarampo e pelo ataque de fazendeiros. No entanto, sobrevivemos, lutando pela preservação e transição das novas gerações, pela preservação de nossa terra, de nossa cultura e de nossa língua.

Como dito inicialmente, a língua *Nakado'tu*, falada por nós, pertence à família linguística Nambikwara, considerada isolada, de acordo com estudos realizados por pesquisadores da área. Há pouquíssimos registros sobre a língua, e nenhum material linguístico produzido, como gramática e dicionário. Podemos citar aqui sobre a língua Negarotê, a tese “Fonologia Negarotê: análise fonológica da língua”, publicada por Braga (2017).

O povo Nambikwara, em geral, está dividido geograficamente em dois espaços: no Cerrado e no Vale do Guaporé, perto das margens de rios e nascentes. Vivem nesses dois espaços, os povos Kithãuhlu, Sowentesu, Wakalitesu, Halotesu, Manduca, Nambikwara, Mamaindê, *Nakado'tu*-Negarotê, Wasusu, Katitãuhlu, Alantesu, Waikisu, Hahaintesu e Sabanê.

Não nos consideramos como único povo Nambikwara, porque não entendemos e nem compreendemos a língua um do outro, mesmo assim, somos vistos como um único povo Nambikwara, sendo que temos diferenciação entre o povo do Cerrado e o povo do Vale do Guaporé. Os povos que falam a língua mais próxima a nós são os Mamaindê, Latundê (Rondônia), já os demais povos do Cerrado não falam a mesma língua, é diferente. Por isso, para nos comunicarmos com eles, usamos a língua portuguesa.

Para ilustrar o que estou afirmando, trago aqui exemplos da língua materna do povo Nambikwara do Cerrado e de nossa língua:

**Língua *Kithãuhlu* (Cerrado)**

**Língua *Nakado'tu* (Vale)**

*dxu' h<sup>2</sup>*  
*Ye<sup>3</sup>yan<sup>3</sup>di<sup>2</sup>ta<sup>1</sup>kxa<sup>3</sup>lxo<sup>3</sup>su<sup>2</sup>*  
Mulher bonita

*Deyrã*  
*Wanũnlawa*  
Mulher bonita

*In<sup>3</sup>dxa<sup>2</sup>*  
*Ye<sup>3</sup>yan<sup>3</sup>di<sup>3</sup>ja<sup>1</sup>lho<sup>2</sup>su<sup>2</sup>*  
Homem bonito

*E'yã*  
*Wanũnlawa*  
Homem bonito

A língua materna do povo, como já expliquei antes, está mais próxima da língua Mamaindê e Latundê (Rondônia).

### A língua falada e escrita na escola

Na Escola Indígena do Vale do Guaporé Negarotê, há dois professores não indígenas e uma indígena. Nela, estudam alunos da educação infantil, e do 1º ao 5º ano, que estão sob a responsabilidade da administração municipal, já do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e do 1º, 2º e 3º anos do ensino médio, é de responsabilidade administrativa da Seduc.

Figura 1: Escola Indígena Vale do Guaporé



Foto: Adriana Negarotê, 2024

Como já destaquei, a língua é a identidade do povo *Nakado'tu*, por isso, temos preocupação em estudá-la, pois é um conhecimento único e insubstituível. Enquanto professora e estudante de pós-graduação, tenho essa responsabilidade maior em relatar e registrar os conhecimentos sobre a língua, para deixar às futuras gerações *Nakado'tu*, para outros



estudantes e pesquisadores, para que possam fazer os registros das histórias. Concordo com Braggio (2002), quando a autora explica que a língua é nossa identidade cultural, sendo assim,

[...] a língua é o símbolo que marca a identidade cultural. Também é a língua que os remete ao seu passado e os projeta no futuro. Muito da história de um povo estará perdida se sua língua desaparece. O papel da língua, pois, para a definição da cultura e da memória histórica de um povo é primordial. (Braggio, 2002, p. 13)

Em toda literatura pesquisada não se encontra quase nada de registro sobre o povo *Nakado'tu*, especificamente, devido a isso, este trabalho vem sendo desenvolvido, à base de pesquisa e relatos. “Afim, a linguística é a base da compreensão da relação da língua com a sociedade e a cultura de um povo, da aquisição e uso da língua oral e escrita, das ideologias que passam através da língua etc” (Braggio, 2002, p.140).

Se as crianças falarem a língua materna, no dia a dia, essa língua será fortalecida, mesmo tendo contato com a língua portuguesa, na escola ou em outros contextos. Portanto, valorizar, fortalecer e manter a nossa língua originária é crucial, mas para isso, é preciso que haja a transmissão intergeracional dessa língua, ou seja, que os pais ensinem aos seus filhos a língua materna, que falem com seus filhos na língua materna.

No passado, houve muita interferência de apagamento da cultura do povo, no sentido de afetar a língua *Nakado'tu*, em sua modalidade oral, o que resultou somente no uso da língua portuguesa. Houve situações em os professores não indígenas falavam que os alunos estavam xingando-os ou falando coisas desagradáveis, quando estavam conversando na língua materna entre eles. Por isso, na sala de aula, os alunos eram obrigados a falar na língua portuguesa. E muitos indígenas desistiam de estudar, porque se sentiam constrangidos. É uma situação de apagamento que podemos considerar como um exemplo de bilinguismo subtrativo, a língua materna sendo apagada, substituída pela língua portuguesa. Com isso, “a língua portuguesa ocupa o maior espaço dentro da escola, subtraindo o importante papel que cabe às línguas indígenas” (Paula & Gouvea, p.15, 2021).

É preciso que haja mudança nessa situação uma vez que na Constituição Federal de 1988, em seu artigo Art.210, está garantido aos povos indígenas, além do português, “a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem”. Portanto é necessário que aconteça uma educação bilíngue, na perspectiva de um bilinguismo aditivo, mas para isso é preciso que a língua indígena esteja presente em todas as atividades da escola,

exercendo uma funcionalidade e que seja essencial no processo de letramento, nas diversas áreas do conhecimento (Paula & Gouvea, 2021).

Na atualidade, não é muito diferente, no entanto, as escolas indígenas buscam trabalhar os valores culturais, saberes culturais e práticas culturais. Mesmo que na escola indígena Vale do Guaporé, sala anexa Jacaré, a professora seja não indígena, ela também trabalha a língua materna, em conjunto com a professora indígena, que a ajuda a planejar as aulas, porém, sabemos que o ideal seria que professores *Nakado'tu* ministrassem o componente curricular de 'Língua Materna', como também, outros componentes relativos aos saberes culturais do povo.

Outra dificuldade dentro do nosso contexto escolar é a imposição das matrizes curriculares para as escolas indígenas, restringindo a carga horária de língua materna, com a língua portuguesa ocupando maior espaço em todas as áreas do conhecimento. É uma situação que acontece por diversos motivos:

[...]seja pela imposição de matrizes curriculares por parte das Secretarias Estaduais ou Municipais de Educação, que não cumprem a legislação específica da educação escolar indígena, seja pela concepção implantada pelo SIL, de que as línguas indígenas são necessárias no momento da aquisição da escrita (Paula & Gouvea, p.14, 2021).

Com vários fatos históricos e, partindo dos problemas vivenciados, a preocupação da professora indígena local está no acompanhamento e orientação aos alunos, desenvolvendo atividades escolares da cultura, no sentido de valorização e conscientização da importância de nossa língua materna estar em primeiro lugar, sendo sempre falada cotidianamente em nossas comunidades. No contexto escolar, as aulas são ministradas oralmente, em língua materna *Nakado'tu*, como língua de instrução oral (Brasil, 1998).

Compreendo que é dentro da prática da cultura que permaneceremos falantes de nossa língua materna. Por isso, que é preciso o engajamento da comunidade e da escola na defesa de nossa língua, para que ela continue viva, sendo transmitida às crianças por seus familiares. Acredito que a existência de um povo depende da língua, de suas histórias tradicionais, de suas danças, enfim, dos seus modos de vida próprios. É preciso que o contexto dos conhecimentos tradicionais permaneça vivo. E, nesse contexto está a nossa língua materna. É importante reforçar que a participação da comunidade é fundamental, não apenas para a defesa da língua

materna, mas também, de um modo geral, para a construção de uma escola que que caminhe ao encontro de uma pedagogia própria, no nosso caso, de uma pedagogia Negarotê.

Nesse sentido, “a participação da comunidade no processo pedagógico da escola, fundamentalmente na definição dos objetivos, dos conteúdos curriculares e no exercício das práticas metodológicas, assume papel necessário para a efetividade de uma educação específica e diferenciada” (Brasil, p. 24, 1998). Diante disso, precisamos nos engajar cada vez mais para fortalecer nossos saberes culturais, utilizando as novas tecnologias a nosso favor, já que elas se fazem muito presentes em nossa sociedade e nas mãos de nossas crianças *Nakado'tu*.

A chegada da energia elétrica na aldeia, por exemplo, foi uma grande conquista, o que trouxe, também, as novas tecnologias, tornando rápido o acesso aos conhecimentos do mundo ocidental. Também nos ajudou a resolver questões relacionadas ao nosso próprio povo, como saúde, trabalho, educação, entre outras coisas. No entanto, trouxe, também, problemas, como por exemplo, as crianças dormirem e levantar tarde ou deixar de ir a aula, porque passaram a noite inteira jogando joguinhos nos celulares. O resultado disso é que, no dia seguinte, não querem ir à escola e participar das atividades escolares o que é muito preocupante no ensino aprendizagens de cada um deles.

Por conta dessa situação, vimos que nós, professores, precisamos nos reorganizar e pensar em metodologias de ensino, que tenham essas novas tecnologias como aliadas para planejarmos aulas diferenciadas a favor da educação indígena e para melhorar o ensino na escola. Podemos usar essas tecnologias para divulgar nossa cultura, nosso modo de viver com a natureza, de valorizar nossos saberes, de lutar pelos nossos direitos para um futuro melhor. Sabemos que a influência digital chegou para ficar, agora é saber usá-la para o nosso bem.

### **A língua *Nakado'tu* em nossas aldeias**

Para o início dessa pesquisa, foi necessário realizar uma reunião com a comunidade para explicar sobre o trabalho e, também, pedir a colaboração das pessoas. O levantamento sociolinguístico das comunidades *Nakado'tu* aconteceu em agosto de 2024, primeiramente, com uma breve reunião, em que participamos Wamem Kalapalo Negarotê e eu, Adriana Negarotê, como estudantes de Mestrado. Apresentamos à comunidade o projeto que iríamos

desenvolver, o qual organizamos em duas partes: por aldeias e por população que seria entrevistada, para que pudéssemos realizar a pesquisa.

Assim foi realizado, seguindo o roteiro da pesquisa, em que relatamos a importância do estudo para valorizar ainda mais o que é fundamental para nossa identidade e, também, como resistência e resiliência. Os estudos foram realizados nas seguintes aldeias: aldeia Rio Piolho/Murici, aldeia do Renato, aldeia Tamandu, aldeia Manhalotiru, aldeia Jacaré e aldeia linha 1-Jacaré, totalizando seis (6) aldeias do povo Negarotê. As aldeias estão localizadas na Terra Indígena Vale do Guaporé, município de Comodoro-MT.

Na aldeia Rio Piolho/Murici, residem 7 pessoas, 5 do sexo feminino e 2 do sexo masculino, constituindo duas famílias. Todos são falantes da língua Negarotê, exceto uma pessoa que fala a língua Mamaindê. Mesmo assim, a dominância é da língua *Nakado'tu*. Na aldeia do Renato, residem 28 pessoas, 12 do sexo masculino e 16 do sexo feminino, e todos são falantes da língua Mamaindê, exceto 3 pessoas que falam a língua *Nakado'tu*, e um rapaz que fala somente o português. Os Mamaindê são dominantes na aldeia Negarotê, porque a senhora Tina Mamaindê tem duas filhas casadas com rapazes daquela região. E por ela ter inúmeros parentes, estão se submetendo a morar nessa aldeia. E, também, por ser uma senhora aposentada, grande parte dos netos convive próximo a ela. Por situações financeiras, é ela que fornece os alimentos aos netos.

As duas famílias que moram na aldeia Tamandu são falantes de *Nakado'tu*, e usam o português como 2ª língua, nos discursos durante as reuniões e outros eventos que há necessidade de se comunicar em português. São 8 pessoas, sendo 4 do sexo masculino e 4 do sexo feminino. A vivência das crianças em seu dia a dia nas atividades é bem saudável, vivem a brincar na beira do rio e durante suas brincadeiras se comunicam em língua materna e não se percebe o português. Geralmente, são mais os pais que falam a língua portuguesa. Segundo o relato da mãe das crianças, ela cresceu com a vó dela e aprendeu muito coisas desde os remédios tradicionais, os nomes e para que servem. Também explicou que sempre orienta os seus filhos a falar na língua materna, e tudo ela traz ressignificação na língua para que as crianças continuem sempre falando a língua *Nakado'tu*.

A outra entrevistada, Tainá Negarotê, diz que cresceu sob os cuidados da avó, desde que nasceu, e tudo o que ela sabe aprendeu com a avó dela, dona Maria Negarotê. E hoje ela passa esses conhecimentos aos filhos. Tainá explica que ensina os filhos a só falar na língua *Nakado'tu*. No decorrer da conversa, ela vai pronunciando alguns termos na língua materna,

como *hi'niru* (avó); *hotu'nru* (sabão), “porque ela faz espuma e tira sujeira”; *kaitanauseru*; *ú nakatanauseidu* (celular) “que nos comunicamos de muito longe e que escrevemos para muito longe para nos comunicar”; *kani'sei* (lanterna) “objeto que clareia. “Eu sempre falo isso para os meus filhos, e se por acaso os seus professores não indígenas lhes perguntarem, vocês saberão responder. É assim que falo sempre”, diz Tainá Negarotê.

Na aldeia Jacaré, tem 5 famílias, num total de 25 pessoas, sendo 14 do sexo feminino e 11 do sexo masculino. Todos são falantes da língua *Nakado'tu*, exceto a Lucineia Paresi que fala a língua *Haliti-Paresi* da família linguística Aruak. Ela é casada com um Negarotê, e para se comunicar, falam o português. O povo vive de suas roças de toco, e alimentos tirados da natureza e, também, da cidade.

As duas senhoras, moradoras nessa aldeia Jacaré, são falantes da língua materna *Nakado'tu* e, por essas razões, as crianças têm facilidade de aprender com elas. Quando querem falar com elas é apenas na língua materna, porque não sabem falar direito a língua portuguesa. Na aldeia Jacaré (linha 1), tem uma população de 9 pessoas, sendo 5 do sexo feminino e 4 do sexo masculino, que compõem 2 famílias. São falantes de uma mistura de língua Negarotê e Mamaindê, porque tem falantes Mamaindê. A esposa de Juzilio Negarotê, Lindalra Mamaindê é de outro povo e, geralmente, acontecem esses casamentos por serem falantes de língua materna muito próxima e similares. E nessa nova geração, a filha deles, Jucélia Negarotê, se casou com Iltamar Munduruku, que não é falante da língua de seu povo. E para ele se comunicar com sua esposa fala a língua portuguesa. E as crianças dessa aldeia sofrem a influência do português, porque seus pais se comunicam fluentemente nessa língua. E para evitar o uso de outra língua, ele tenta falar a língua de sua esposa, tendo em mente que suas crianças falarão a língua de sua mãe futuramente.

Na aldeia *Manhalotiru-Figueira*, tem uma população de 29 pessoas, 13 do sexo masculino e 16 do sexo feminino, todos falantes da língua *Nakado'tu*, exceto Joãozinho Mamaindê, falante de sua língua Mamaindê e Jurandir Kithãuhlu, que fala a língua Kithãuhlu. Nessa aldeia, a senhora Feliciano Negarotê acompanha a fala de seu marido, ou seja, a língua Mamaindê.

Mesmo a mulher acompanhando a língua materna do marido, ainda assim, os filhos deles preferem falar a língua *Nakado'tu*, porque convivem mais com a avó cotidianamente.

O próprio Joãozinho Mamaindê explica: “Ultimamente a minha esposa Feliciano acompanha a língua do meu povo, do que falo, ela sempre fala, eu sempre falo a ela que ela tem que falar com nossos filhos em Negarotê. Por exemplo:

*Saníndu* (pulga) é a fala de Mamaindê.

*kadìdu* (pulga) é a fala de Negarotê.

É o mesmo bichinho, mas as falas mudam muito nos sons, no entanto a gente se compreende, mesmo os falares sendo diferentes”. Por outro lado, os homens de outros povos não falam a língua materna de suas mulheres, apenas de seu povo, e para se comunicarem com suas mulheres, falam a língua portuguesa, no seu dia a dia.

Diante desse quadro linguístico, nossa preocupação está em redobrar o cuidado com a língua materna, pois a língua portuguesa está chegando e se fazendo cada vez mais presente no cotidiano das pessoas, principalmente, dos jovens e das crianças, estas, que foram sempre monolíngues em *Nakado´tu*. Isso pode provocar o desinteresse delas em falar a língua materna.

A língua portuguesa tem nos ajudado muito, porém, os jovens não usam como meio de defesa como os mais velhos fazem. Começaram a se comunicar com a língua portuguesa como se fosse a primeira língua, principalmente, por causa dos casamentos com outros povos e o uso das novas tecnologias com frequência no cotidiano da aldeia.

E por conta dessas situações que vem acontecendo dentro da nossa aldeia, é que venho fazendo levantamento da situação de nossa língua materna, para pensarmos ações de revitalização e fortalecimento cultural e linguístico de nosso povo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da pesquisa realizada, sobre a nossa situação sociolinguística, apresento aqui alguns fatores que contribuem para o bilinguismo nas aldeias *Nakado´tu*-Negarotê. É preocupante a atual situação linguística nas 6 aldeias pesquisadas, pode-se notar muitas pessoas que não são mais falantes, devido aos casamentos multiculturais. Os filhos desses casamentos querem acompanhar a língua com a qual os pais se comunicam, ou seja, a língua portuguesa, como primeira língua.

Outro fator preocupante é em relação aos professores que ensinam somente a língua portuguesa, e isso contribui para o bilinguismo subtrativo, pois a língua materna vai deixando de ser falada. Sabemos que, por mais que a grande maioria ainda é falante da língua *Nakado´tu*,

isso não garante a continuidade da língua, sem contar que os mais velhos estão morrendo, e as novas gerações não estão preocupadas com nossa língua e cultura.

As novas tecnologias também são fatores que estão influenciando no apagamento de nossa língua materna, pois os mais jovens as utilizam, priorizando a comunicação na língua portuguesa, mesmo entre eles.

As 6 aldeias pesquisadas têm uma população de 103 pessoas, muitos ainda falam fluentemente, porém, das 103 pessoas, 32 pessoas são falantes de outras línguas indígenas, como o Mamaindê, Kithãuhlu e Munduruku.

Percebemos que os anciãos se preocupam em manter nossos conhecimentos milenares, mas não sabem como ajudar. E diante desses fatos, compreendo que devemos trabalhar muito com as crianças *Nakado'tu*, nas salas de aulas, as atividades com práticas culturais que contribuam para o fortalecimento de nossa língua e nossos conhecimentos tradicionais.

Acredito que a escola pode ser um caminho para ajudar a reverter essa situação, então, cabe a nós professores conscientizarmos nossas crianças sobre a importância de nossa língua materna como um dos elementos principais de nossa identidade étnica. Nossa língua é cultura, é território, é espírito, é natureza, enfim, é nossa identidade e nossa resistência, enquanto povo *Nakado'tu-Negarotê*.

## REFERÊNCIAS

- BRAGA, Ana Gabriela Modesto. **Fonologia Negarotê: análise fonológica da língua**. 2017. Tese (Doutorado). Recife/ Amsterdam. Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Vrije Universiteit Amsterdam, Amsterdam.
- BRAGGIO, Silva Lucia Bigonjal. **Políticas e direitos linguísticos dos povos indígenas brasileiros**. Revista Signótica, 14:129-146, jan./dez. 2002.
- BRAGGIO, Silva Lucia Bigonjal. **Estudos de línguas e educação indígena**. Campinas-SP: Pontes Editores, 2018.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: 12/11/2024.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara, ZOIA, Alceu, ALMEIDA, Elizabeth, Elizabeth Rezende. Produção de materiais pedagógicos (didáticos) em escolas indígenas: uma parceria

entre universidades e aldeias. V.40 (2024) Jan-Dez. **Revista da Faculdade de Educação**. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu>. Acesso: 10/12/2024.

PAULA, Eunice Dias de. **A interculturalidade no cotidiano de uma escola indígena**. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 49, 1999.

PAULA, Eunice Dias de ; PAULA, Luis Gouvea. **Bilinguismo e Ensino de línguas nas escolas indígenas**. 01. ed. Curitiba PR: Feeling Propaganda, 2021. v. 01. 72p .

BRAGGIO, S. L. B. Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção. In: **Revista do Museu Antropológico** – UFG. v. 5/6, n. 1, jan/dez. 2001/2002.

Recebido em 01 de dezembro de 2024

Aprovado em 15 de dezembro de 2024

Publicado em 19 de dezembro de 2024

### **Licença de Uso**

Licenciado sob Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Porém, não permite adaptar, remixar, transformar ou construir sobre o material, tampouco pode usar o manuscrito para fins comerciais. Sempre que usar informações do manuscrito deve ser atribuído o devido crédito de Autoria e publicação inicial neste periódico.

